

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda do Canteiro

código
AVI - FO5 - TM

localização
Barra do Canteiro, Estrada de Barra Alegre (RJ-146)

município
Trajano de Moraes

época de construção
segunda metade do século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
fazenda de gado, cultura de figo e goiaba / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



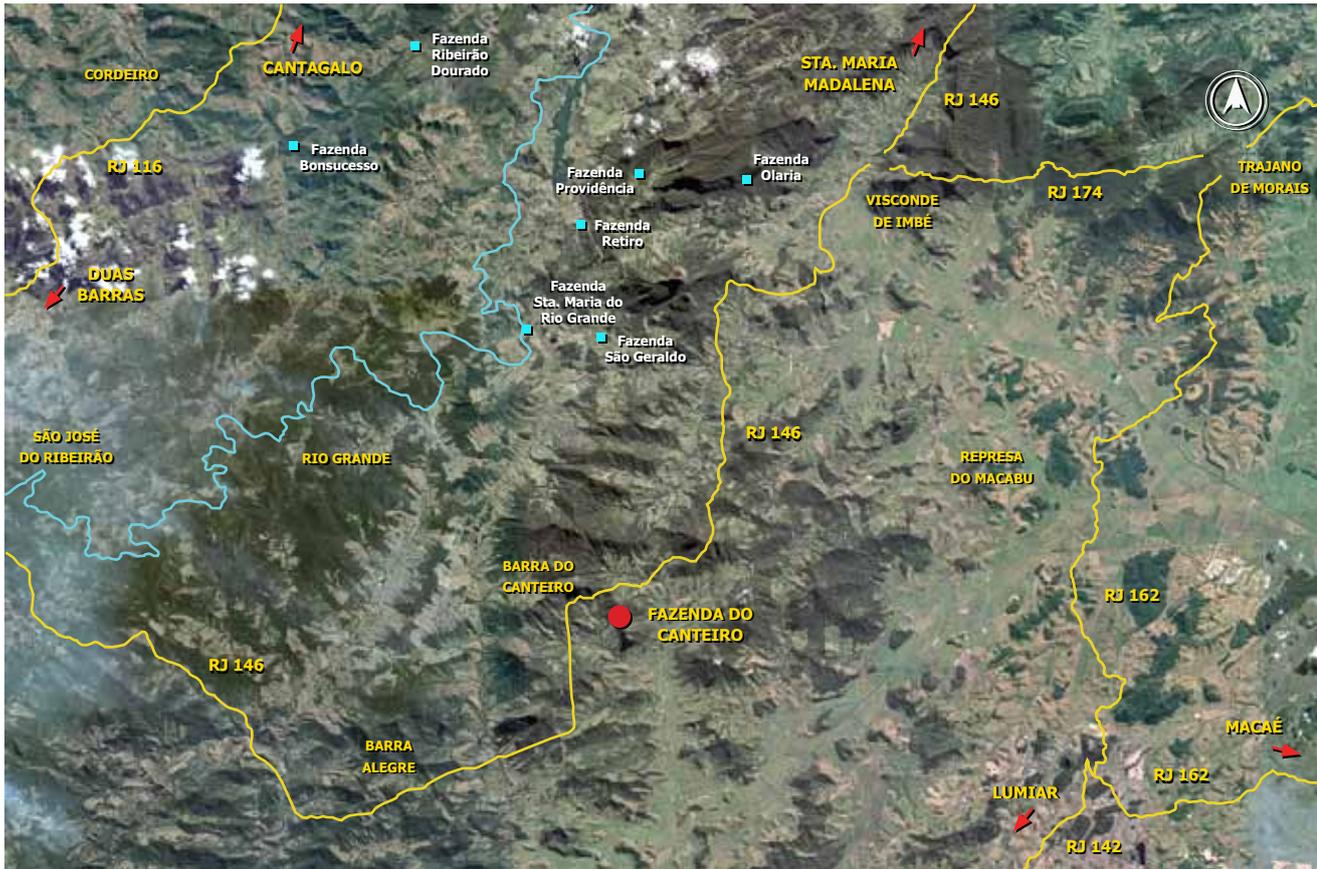
fonte: IBGE - Trajano de Moraes



Casa-sede da Fazenda do Canteiro

coordenador / data **Valentim Tavares – jun 2010**
equipe **Valentim Tavares, Priscila Oliveira e Margareth Dias**
histórico **Roberto Grey**

revisão / data
Thalita Fonseca – ago 2010

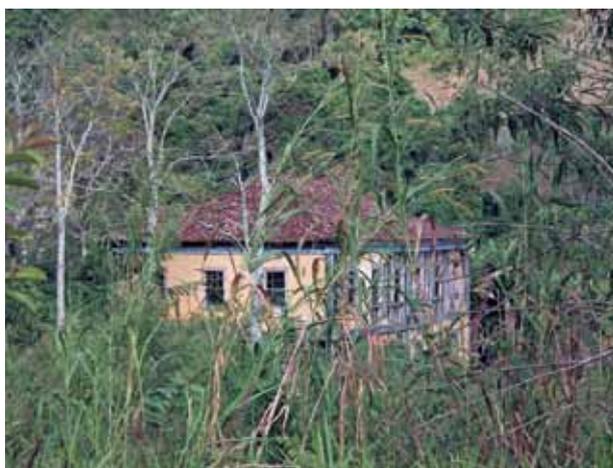


situação



ambiência

Partindo da sede do município de Trajano de Moraes, seguindo na direção oeste através da rodovia RJ-174, chega-se à localidade de Visconde de Imbé, onde, tomando a Estrada de Barra Alegre (RJ-146), avista-se a Fazenda Santa Iria, em franca degradação (f01). Alcançando o pequeno povoado de Barra do Canteiro, fronteira ao campo de futebol, à beira da rodovia, encontra-se a estrada de chão que dá acesso à fazenda de mesmo nome, cuja sede dista 900 m da primeira porteira. O percurso total até a fazenda é de 34 km. Ao longo do caminho, é possível observar o relevo acidentado (f02), que caracteriza a paisagem da região, e no qual, ocasionalmente, nos deparamos com imensos paredões rochosos (f03).



01



02



03

Pelas encostas desses afloramentos escorrem expostas abundantes quedas d'águas provenientes das nascentes e lençóis aquíferos, os quais alimentam os muitos rios e córregos da região, como o Córrego das Neves (f04). Infelizmente, também são visíveis na paisagem – sob a forma de erosão generalizada – os impactos negativos causados pela predominância da atividade econômica da pecuária intensiva na região.

Chegando à fazenda, a primeira visão que se tem é a dos currais (f05), seguido por uma massa arbórea de palmeiras imperiais e mangueiras plantadas no pasto, em frente à sede. Ao fundo está a reserva florestal de cerca de 50 hectares, que envolve e protege todo o conjunto (f06), implantado em um vale para onde convergem as águas que provêm dos morros circundantes, garantindo um microclima diferenciado.

A captação de água outrora se fazia nos morros mais altos, atrás da mata, sendo coletada a partir de várias nascentes através de uma banqueteta. Recentemente, foi construído um açude para garantir a reserva nos meses mais secos (f07). Quando a água do açude transborda, ela é coletada para o antigo sistema de banquetetas, refazendo todo o percurso existente há mais de um século.

A água desce as canaletas de pedra, atravessando a mata, até atingir o lago de piscicultura (f08), as caixas de limpeza (f09), e o antigo tanque de lavagem de café (f10), de onde segue para percorrer o aqueduto (f11 a f13).



04



06



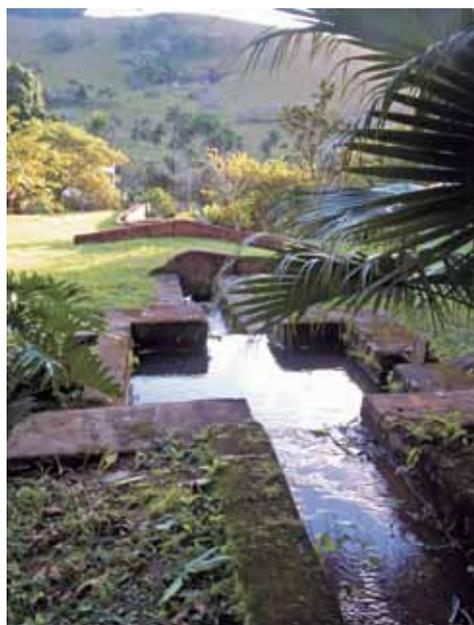
05



07



08



09



10



11



12



13

Assim, levando o café já lavado para o tanque de recolhimento – a fim de ser espalhado no terreiro de secagem (f14) – ou movimentando a grande roda de ferro da usina (f15). Do tanque de lavagem e do lago seguem canaletas que movimentam o moinho e recortam toda a área da fazenda (f16 e f17). O conjunto da sede é formado pelo imponente casarão, com a entrada de acesso marcada por duas palmeiras imperiais e o antigo terreiro de secagem de café, à frente (f18), cercado por um espesso muro de pedra que reserva um largo espaço aberto, permitindo o vislumbre perspectivo do casarão. Adjacentes ao terreiro, estão, à direita, a tulha e, à esquerda, a usina (f19).



14



15



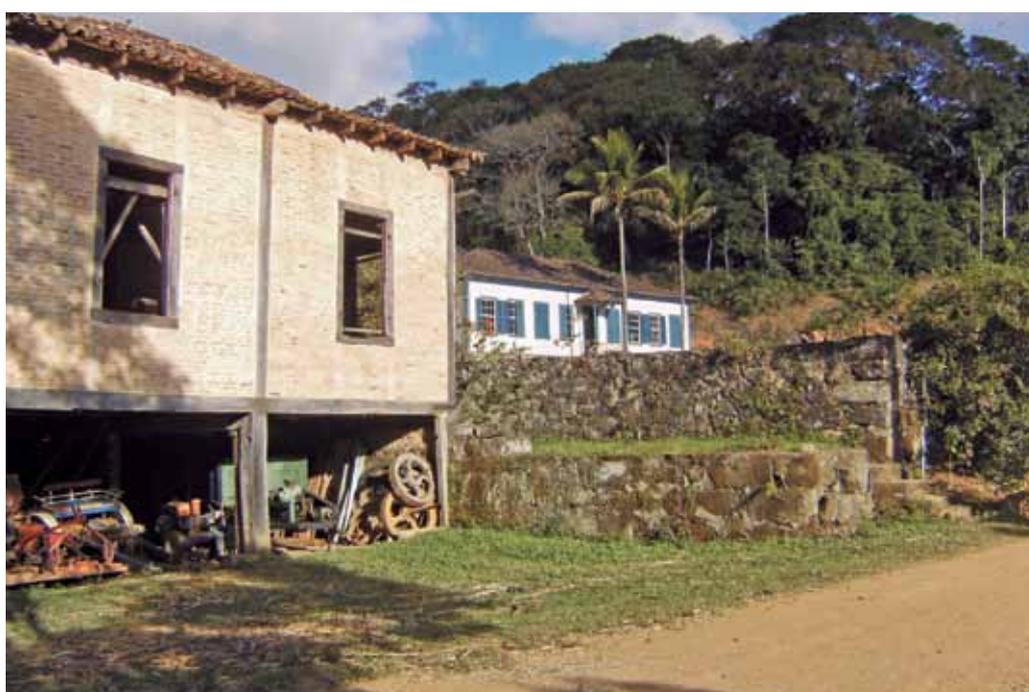
16



17



18



19

Em seguida, estão duas edificações implantadas em paralelo: a oficina com depósito aberto e, mais à frente, a casa do administrador. Neste ponto, a rua faz uma curva à esquerda e torna-se pavimentada em paralelos para dar acesso a três estruturas: à lateral do casarão (f20), a um telheiro que serve como garagem (f21) e à casa de hóspedes construída recentemente pelo atual proprietário (f22).

No espaço delimitado pela lateral da sede, pelo aqueduto e pelo muro do terreiro de secagem, há uma depressão cortada por uma canaleta onde está localizado o moinho de farinha (ver f17). Do outro lado do aqueduto, no aclave em direção à reserva, está plantado um pomar como área de transição entre a mata e a área edificada, e ali, em meio ao arvoredo, se encontram criações de galinhas e porcos, além de uma fundação em ruínas (f23). Observa-se que as áreas livres externas ao conjunto edificado da sede mantêm um tratamento paisagístico que mistura linguagens estéticas contemporâneas àquelas comuns ao ambiente rural, presentes nos pomares e na própria destinação dos seus espaços.



20



21



22



23

A edificação da sede da Fazenda do Canteiro é típica do final do século XIX, construído à maneira simples, como muitas na região (f24), com telhado de quatro águas de telhas tipo capa e canal, e tábuas de acabamento do beiral pintada na cor das esquadrias. Internamente, a sede é assoalhada com régulas largas sobre generosos esteios de madeira.

As paredes, em sua maioria originais, são de pau a pique, tingidas com cal branca, com apoios de madeira pintados na mesma cor das esquadrias. As janelas, de madeira, têm guilhotinas internas e folhas externas de abrir com venezianas, assim como as portas, com marcos de seção quadrada pintadas, internamente, a óleo em coloração areia e, externamente, em azul marinho (f25). As portas internas têm bandeiras simples com vidros transparentes e azuis (f26).

O embasamento onde se insere o porão é constituído por pedra nas laterais e por tijolos maciços na frente. Nas extremidades frontais, há dois pequenos depósitos, o piso não é pavimentado e a ventilação é feita por esquadrias vedadas com gradis de madeira (f27).

A fachada frontal é simétrica, com uma porta central sob um alpendre que divide dois grupos de quatro janelas igualmente espaçadas (ver f24). Executado com estrutura de madeira, originalmente possuía folha de flandres que foi substituída por telhas cerâmicas.

O corpo da edificação é formado pela interseção do volume frontal – composto por sala de estar (f28), escritório, *hall*, saleta (f29), sala de jogos (f30) e quartos voltados para sudoeste (f31) – com o volume lateral que é composto pelos quartos e banheiros voltados para nordeste (f32).



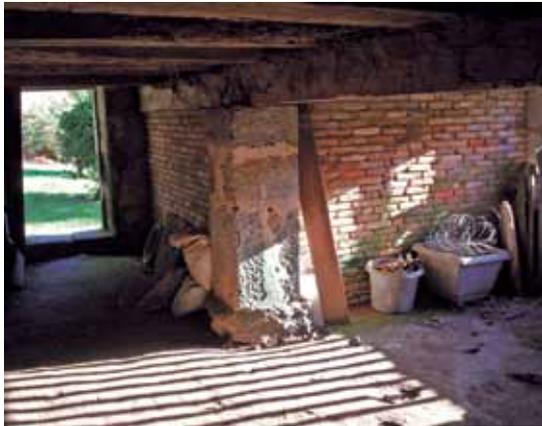
24



25



26



27



28



29



30



31



32

Estes, juntamente com a circulação (f33), criam uma ala de ligação à cozinha (f34), dependências de serviço (f35) e varanda dos fundos (f36).

A existência de ligações entre as alas revelam as modificações que alteraram sobretudo a volumetria original. O casarão originalmente era dividido em dois blocos retangulares, um social e íntimo, e outro para as funções de serviço e a cozinha. Com os acréscimos de ligação entre os blocos têm-se, então, o quarto com vestíbulo e banheiro – orientado a nordeste – e o corredor lateral a leste, identificáveis pela utilização de janelas com duas folhas internas de abrir com vidro e duas folhas externas em veneziana na fachada.

Com relação às edificações de trato rural, há, para começar, o edifício da tulha que se encontra implantado adjacente ao terreiro de café em nível 1,80 m acima da rua (f37). Erguida em pau a pique com pintura branca, e telhado em mansarte com telhas capa e canal, a construção da tulha foi dividida internamente em quatro cômodos iguais, cada um com uma porta de acesso voltada para o terreiro de café (f38). O cômodo da extremidade tem duas janelas voltadas para a rua.

Também adjacente ao terreiro de café, a Usina (39) apresenta planta retangular, está assentada em nível 60 cm abaixo do terreiro e a 2,30 m do nível da rua, formando um pavimento inferior aberto (f40). Apresenta alvenaria de tijolos maciços e aparentes – que sugerem que as paredes foram completamente reconstruídas –, estrutura de madeira também aparente, como nas demais construções, e cobertura de quatro águas com telhas capa e canal.



33



34



35



37



36



38



39



41



40

A roda d'água permanece em seu local de origem e, apesar de travada, tem plenas condições de funcionamento (f41), bem como toda a canalização do aqueduto necessária para mover a roda – no porão ainda é possível encontrar algumas de suas peças e engrenagens (f42). Internamente é assoalhada, tem um mezanino de madeira sustentado por pontaletes de ferro e uma escada de acesso em chapa de ferro dobrada que, possivelmente, substituiu a original (f43). Encontram-se ali, também, as engrenagens de tração da usina, o conjunto de polias de transferência (f44) e algumas máquinas de moer (f45).

O moinho tem planta retangular, paredes de tijolos maciços e telhado de duas águas com telhas capa e canal. Sua janela é de folha única fechada e, juntamente com a porta, recebeu pintura na cor azul. Possui uma escada de acesso duplo em madeira (f46) e internamente ainda conserva a pedra açoriana instalada (f47 e f48).



42



43



44



45



46



47



48

Abaixo do piso, é possível observar a utilização de perfis metálicos para sua sustentação (f49), além da roda do moinho (f50) movimentada por uma tubulação que conduz a água das canaletas.

A oficina e o pátio coberto de estocagem têm telhado em quatro águas com telhas capa e canal, paredes de pau a pique pintadas a cal branca e peças estruturais de apoio em madeira aparentes (f51). As janelas da oficina apresentam folhas de abrir em ripado vertical pintadas em azul, e as fundações do pátio de estocagem são em pedra, bem como todo o piso (f52). Encontram-se voltadas para a rua uma porta de acesso – que conduz à oficina – e uma janela de uma folha fechada



49



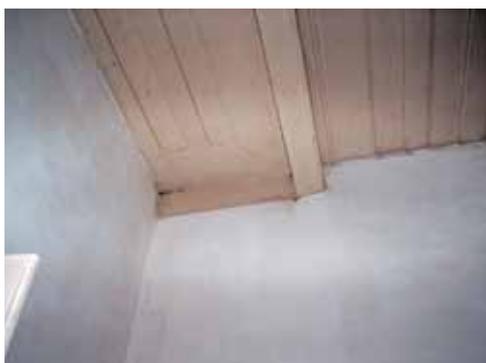
50



51



52



53

A casa-sede da Fazenda do Canteiro recebeu intervenções ao longo dos anos, as quais alteraram sua volumetria, bem como a divisão interna dos ambientes. No bloco social, é possível identificar a disposição original de tais cômodos observando-se o forro (ver linhas tracejadas na planta baixa). A sala de estar e o quarto adjacente formavam um único e mesmo espaço; um segundo ambiente ocupava a área que hoje delimita saleta, *hall*, escritório e parte do quarto adjacente; e, por fim, um terceiro recinto hoje se encontra subdividido para abrigar um quarto menor, voltado para o *hall*, e o trecho da circulação lateral (f53 e f54). Outro *hall*, criado com o banheiro adjacente – anteriormente uma varanda para acesso lateral da casa –, constitui também acréscimo perceptível pela extensão da água do telhado (f55), resultando em deformações da geometria de fechamento do telhado e do inusitado plano gerado na fachada lateral direita (f56).

As alterações influenciaram, ainda, nos materiais utilizados, que receberam placas de ardósia no piso e forro em vime trançado envernizado, descaracterizando o partido original. Em alguns ambientes, foi substituído o assoalho de madeira por tábuas mais estreitas que as originais.

No que se refere ao estado de conservação, observam-se algumas patologias, como a presença de cupins em várias peças do esteio do porão, e que, nesse caso, receberam tratamento com inseticida e óleo queimado a fim de estabilizar a degradação (f57).

Em alguns trechos, como no embasamento da fachada nordeste e no acréscimo correspondente à varanda dos fundos e da área de serviço, foi refeita a pintura, se utilizando de um tom rosado, mas que se encontra desgastada.



54



55



56



57

Na parede do depósito, parte do reboco se soltou evidenciando a estrutura de pau a pique (f58).

Na usina, as esquadrias se encontram em adiantado estado de deterioração, tendo sido retiradas as folhas das janelas e permanecendo apenas os marcos (f59). O assoalho também se apresenta bastante comprometido, repleto de enxertos e exibindo danos causados pela umidade (f60).

Na mesma situação, encontra-se a estrutura de madeira, com perda total da pintura e que não apresenta qualquer tipo de proteção contra a ação do tempo (f61). Em muitos trechos, a parte inferior dos apoios, bem como a fundação, sofreu uma intervenção a fim de evitar o colapso, e nesses pontos foi utilizado o concreto armado (f62).

Outra patologia encontrada, dessa vez na roda e na tubulação que conduz a água do aqueduto, é a corrosão por ferrugem, que, nesses locais, se apresenta em estado bastante avançado (f63 e f64).



58



59



60



61



62

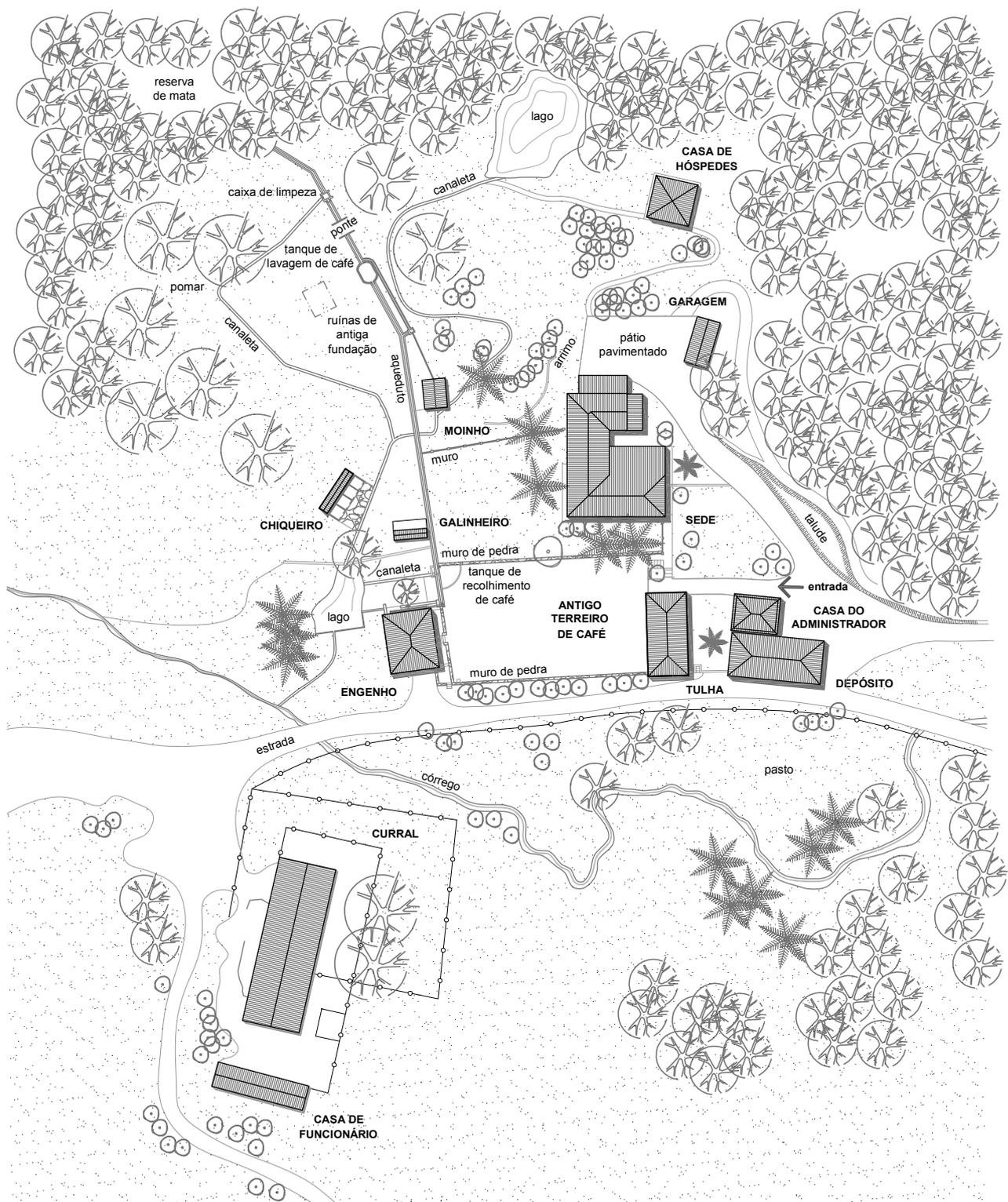


63



64

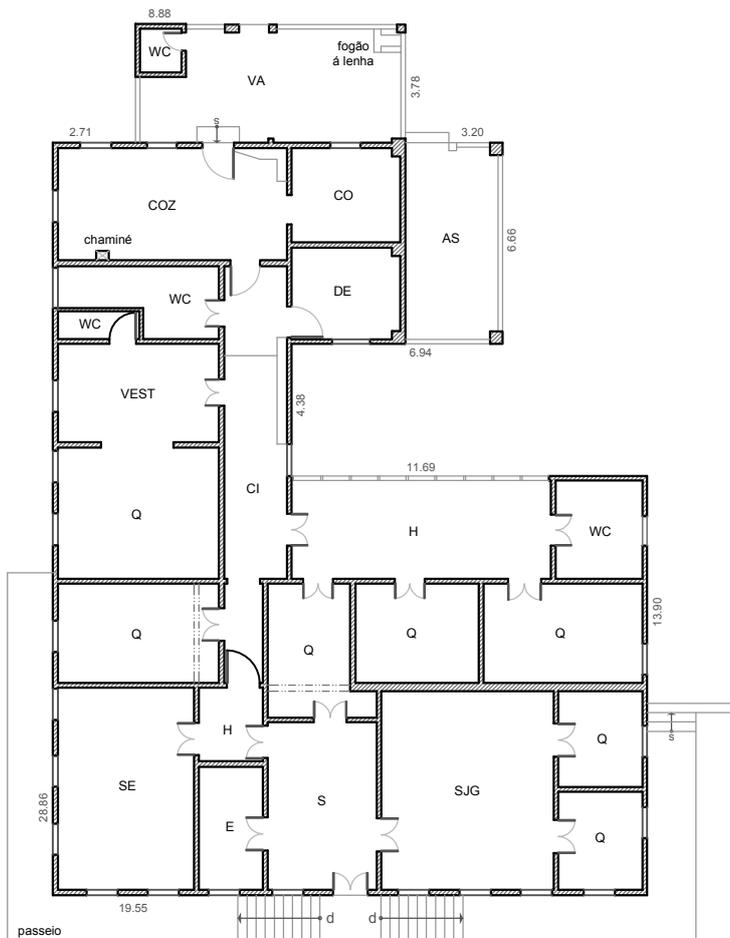
FAZENDA CANTEIRO



1 Implantação
escala: 1/1250



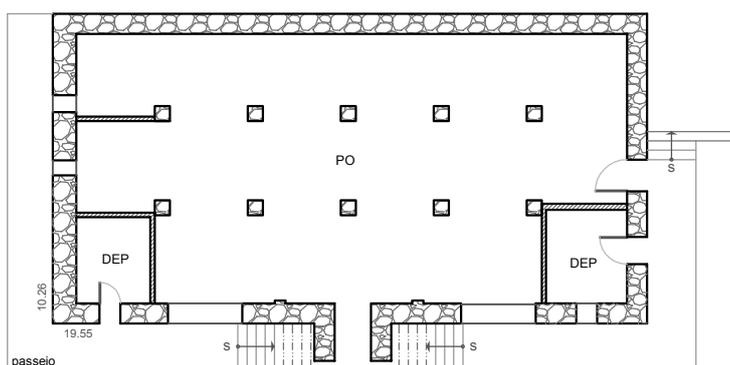
FAZENDA DO CANTEIRO



Observações:

1. Antigamente a cobertura do alpendre era em folha de flandres;
2. Originalmente a sede era dividida em dois blocos;
3. Pode-se observar, pela interrupção da paginação do forro, que a saleta, o escritório e parte do quarto adjacente à saleta formavam um único ambiente (linha tracejada). Assim também o conjunto de cômodos formado pelo quarto à esquerda, circulação e sala de estar.

2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/250

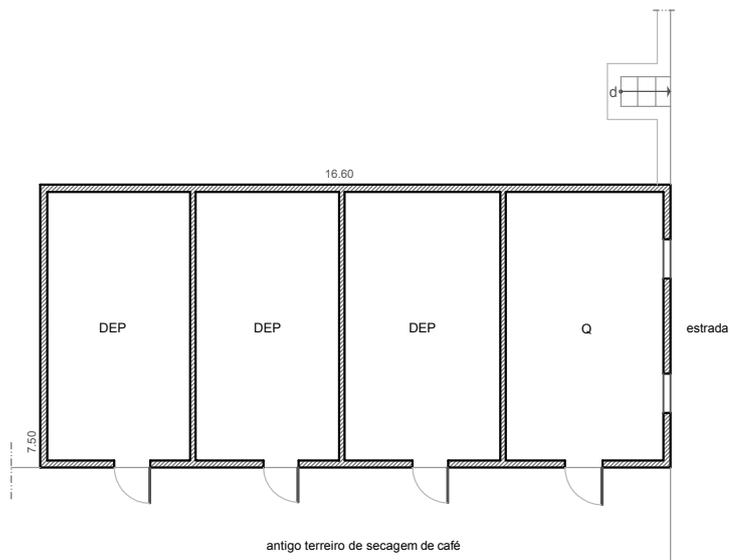


1 Planta Baixa da Sede - Porão
escala: 1/250

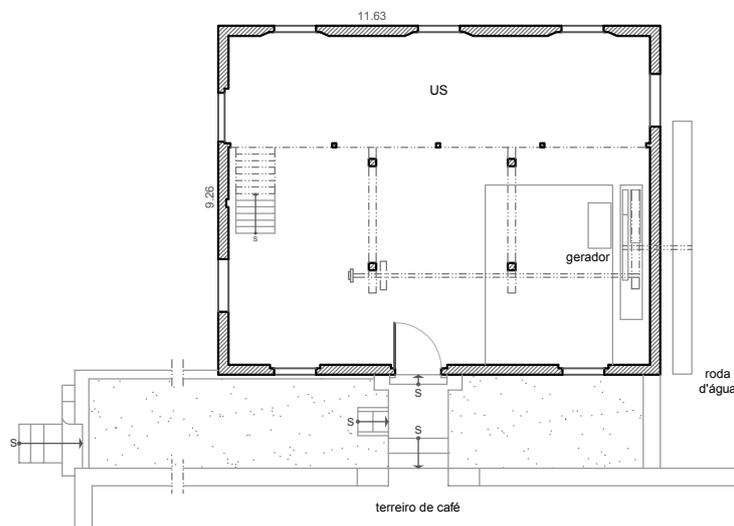


AS - área de serviço	COZ - cozinha	E - escritório	PO - porão	SJG - sala de jogos	VEST - vestíbulo	alvenaria existente
CI - circulação	DE - depósito	H - hall	S - saleta	WC - banheiro		alvenaria demolida
CO - copa	DEP - depósito	Q - quarto	SE - sala de estar	VA - varanda		

FAZENDA DO CANTEIRO



2 Planta Baixa da Tulha
escala: 1/200



1 Planta Baixa da Usina
escala: 1/200



DEP - depósito US - usina
Q - quarto

▨ alvenaria existente
▤ alvenaria demolida

A história da Fazenda do Canteiro se confunde, tal como muitas outras na região, com a história da família Moraes. Acredita-se que foram Basília de Moraes e Antônio Pereira de Mello os primeiros donos da fazenda. O casal contraiu matrimônio por volta de 1850 e recebeu de João Antônio de Moraes, futuro barão de Duas Barras, uma parte de suas terras, denominada Canteiro, para ali iniciar sua vida de casados. Basília era filha da futura baronesa das Duas Barras e de seu primeiro marido, Antônio Rodrigues de Moraes, assassinado em 1833, em Cantagalo, e irmão mais velho de João Antônio.

Antônio Pereira de Mello era parente de Basília, e veio de Minas a chamado de João Antônio de Moraes para se casar com sua enteada. Depois de casado, Antônio contraiu uma doença grave e ficou afastado da administração dos negócios da família durante vários anos, até morrer, em 1879. Antes disso, o casal adquiriu a Fazenda Ipiranga.

Basília e Antônio tiveram seis filhos: João – apelidado de Juanico –, Maria Amália – apelidada de Maricas –, Honestalda, Elias, Eugênio e Elisa. Em virtude da doença do pai, o filho mais velho, Juanico, assumiu ainda jovem a direção da família. Casou-se em primeiras núpcias com sua prima-irmã, Luíza, e com ela teve quatro filhos: Alcides, João, Felizarda e Etelvina. Luíza morreu jovem, em 1878, deixando os filhos pequenos.

Juanico casou-se, pela segunda vez, com Maria Veiga, apelidada de Mariquinhas. Conhecido por ser um homem autoritário e arrogante, Juanico teve onze filhos com Mariquinhas, e mais uma filha com sua cunhada Mariana, que se suicidou. Esta filha foi criada pela tia.

Apesar de sua vida amorosa complicada, Juanico conseguiu preservar o patrimônio herdado de seus pais. Seus filhos foram encorajados a estudar e se mudaram quase todos para o Rio de Janeiro, onde a maioria se casou com pessoas que não eram da família. O grande número de filhos e a partilha da terra entre tantos herdeiros os levaram a abandonar as atividades agrícolas e a se dedicar, no Rio, a profissões liberais.

Apenas Euclides e Mário, o caçula, vieram a se casar com primas, tendo Mário se casado com Eunice, neta de Maria Amália, a Maricas. Ele e seu irmão Raul foram os únicos a continuarem a vida nas fazendas, onde Mário foi comprando as partes dos outros quinze herdeiros, se tornando o único dono da Fazenda do Canteiro.

Era um fazendeiro dedicado e organizado, que cuidava com igual carinho do grande e variado pomar, do gado, das cercas e das suas lavouras. Eunice gostava de cultivar flores, de fazer doces e de cuidar da horta.

O casal teve três filhos: Flávio, Maria Helena e Teresa. Com o falecimento de Mário, seu filho, Flávio Linch de Moraes, herdou a Fazenda do Canteiro, e suas irmãs foram morar no Rio de Janeiro. Herdeiro, também, de um belo plantel de vacas leiteiras, dedicou-se à pecuária leiteira que seu pai já vinha explorando, vindo a ter uma produção de leite expressiva.

Finalmente, em 1983, Flávio vendeu a fazenda ao casal Roberto Wellem Etz e Teresa Cristina Viera Machado Etz, que reformaram a sede, cultivaram hortaliças, eucaliptos, um grande pomar de figos e ainda exploram intensivamente a pecuária leiteira e de corte, transformando a Canteiro numa fazenda altamente produtiva.

Bibliografia:

RAMOS, Lécio Augusto. *A História de São Sebastião do Alto 1786-1991, A Mesopotâmia Fluminense*. editado pela Prefeitura de São Sebastião do Alto, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História de Família: Casamentos, Alianças e Fortunas*. Léo Christiano Editorial, 2008.

Genealogia Fluminense, Cantagalo, no Google.

Livros de Registro Paroquial de Terras de 1855-56 do Município de Cantagallo, no Arquivo Estadual (internet).

Entrevista com Sr. Bento Luís Lisboa.